

Sexo e Religião: Um estudo entre jovens evangélicos sobre o sexo antes do casamento

Sex and Religion: A study among young evangelicals about sex before marriage

André Filipe Silva Meneses¹
Elder Cerqueira Santos²
UFS

Resumo: O objetivo da presente pesquisa foi investigar a relação entre a religiosidade e o atraso da iniciação sexual em jovens pertencentes à igreja evangélica histórica, procurando entender, assim, como se dá a resolução da dissonância cognitiva entre o pertencimento religioso, que reproduz uma crença no impedimento de práticas sexuais antes do casamento, e a manutenção da atividade sexual, comportamento que fere tal crença. Para tal, o método de pesquisa utilizado foi o grupo focal, tendo sido realizados dois grupos com a participação de um moderador e de um co-moderador seguindo um roteiro pré-definido contendo as questões norteadoras para a pesquisa. No primeiro, participaram oito jovens, na faixa etária entre 13 a 21 anos, e, no segundo grupo, participaram três casais, na faixa etária entre 20 e 26 anos, que foram flagrados e punidos por uma gravidez antes do casamento e que foram posteriormente acolhidos. Os resultados mostraram que, para os jovens que se mantiveram no convívio religioso, a dissonância cognitiva gerada entre o pertencimento religioso e o comportamento sexual se deu, de forma geral, pela negação do sexo antes do casamento como um desvio. Percebeu-se também uma maior afetação por parte das mulheres que foi resolvida pela demonstração do companheiro da intenção de contrair matrimônio.

Palavras-chave: Sexualidade; Religião; Virgindade.

Abstract: The goal of this research was to investigate the relationship between religiosity and delayed sexual initiation among young people belonging to a Historical Evangelical Church. We try to understand the resolution of a possible cognitive dissonance between religious belonging, its belief in preventing sexual practices before the wedding, and the maintenance of sexual activity, behavior that injures such belief. To this end, the research method used was the focus group. Two groups have been held with the participation of a moderator and co-moderator following a pre-set guide containing the main questions. The first group had eight young participants, aged between 13-21 years, with no sex experience. The second group participants were three couples, aged between 20 and 26, who were caught and punished due to a pregnancy before marriage and which were subsequently dismissed. The results showed that, for young people who remained in religious community, cognitive dissonance generated between religious belonging and sexual behavior occurred, in general, the denial of sex before marriage as a deviation. We also noticed a higher concern for women; it was resolved by the demonstration of the partner's intention to marry.

Keywords: Sexuality, Religion, Virginity.

¹ Psicólogo pela UFS; Mestrando em Psicologia Social da UFS. E-mail: infantedre@hotmail.com

² Doutor em Psicologia pela UFRGS/University of Nebraska; Pesquisador Produtividade II do CNPq; Professor do PPG em Psicologia Social da UFS. E-mail: eldercerqueira@yahoo.com.br

Introdução

Em todas as civilizações e culturas, diferindo na forma de encarar o mundo e a sua relação com o sagrado, as religiões estão presentes, explicando fatos e dando sentido à vida, além de regulamentar as práticas individuais ou coletivas (Macedo, Fonseca & Holanda, 2007). Dessa maneira, a religião se torna, juntamente com outros tantos fatores, uma instância de influência na vida dos indivíduos que aderem a essa estrutura; tal influência, no entanto, se mostra, a depender do contexto histórico e cultural, de formas e intensidades variadas. Mesmo no mundo contemporâneo, onde discursos científicos são hegemônicos e a ligação entre o homem e o sagrado tem se “privatizado” (ser fiel pressupõe uma relação de troca) (Cerqueira-Santos, 2008), a religião ainda continua sendo bastante utilizada para responder e dirigir questões que se apresentam na vida das pessoas, quer seja a busca pela cura de uma enfermidade, a busca pelo crescimento espiritual etc..

Ter uma relação privatizada com a religião significa utilizar os aparatos dispostos nas diversas “prateleiras” religiosas como forma de recebimento das graças esperadas sem que isso interfira de forma significativa na filiação religiosa. Nesse sentido, um católico, por exemplo, acometido por uma doença pode procurar a ajuda de um médium espírita quando não consegue o alívio pretendido em sua própria religião, sem que todo esse movimento religioso interfira em sua filiação religiosa, ou seja, mesmo procurando os serviços de outra forma de religiosidade, o indivíduo continua a se considerar católico. Essa relação acontece em todas as direções entre as religiões, formando o que Almeida e Monteiro (2001) chamaram de trânsito religioso, uma movimentação de fieis, entre as diversas instituições religiosas, motivada, entre outras coisas, pela metamorfose de crenças e práticas, que tornaram as fronteiras menos perceptíveis, e pela utilização de uma fé mais pragmatizada. Um exemplo da frouxidão das fronteiras, que delimitam as crenças e atuação de determinada instituição em detrimento da outra, é a Igreja Universal do Reino de Deus que se utiliza dos dogmas das igrejas evangélicas neopentecostais, mas que também incorpora em seu arsenal simbólico estruturas do Candomblé, Umbanda e do Espiritismo afro-kardecista.

Mesmo dentro de um contexto, em que as fronteiras são cada vez menos delimitadas, a religião se configura como uma instância que codifica e impõe aos seus adeptos códigos morais de conduta que regem os vários aspectos de suas vidas, agindo desde convicções morais, passando por adequações na forma de se vestir. Atua, dessa forma, como um agente de controle social (Durkheim, 1897/1951), pois se transforma em um forte laço de regulação que impulsiona seus adeptos a manterem um comportamento, entendido como correto, em detrimento de outro, considerado errado. Para que isso seja corretamente seguido, pode se utilizar de mecanismos “legais” de coerção junto a seus membros, tais como a punição. Um ponto importante, que tem sido alvo dessa codificação da conduta pelas religiões, é o campo da sexualidade e por isso tem sido alvo de inúmeros estudos; é nesse sentido que a Psicologia da Religião busca

explorar a importância do universo religioso como reguladora das sexualidades brasileiras, em interação com diversos outros discursos disseminados pela mídia (Silva et al, 2008). Não se pode, portanto, deixar de lado a contribuição das religiões, em especial do protestantismo histórico, na ideação de condutas frente à sexualidade dos seus adeptos. Mescladas às contribuições científicas e às de cunho social, disseminadas principalmente pela mídia, a religião se coloca como um dos tantos parâmetros de sexualidade dita como sadia, o que em si pode se tornar um paradoxo, na medida em que a sociedade busca fugir de uma conduta sexual saudável ditada a priori por qualquer pessoa ou instituição. Ou seja, a religião se coloca em um embate de forças para regular os corpos e as sexualidades (Foucault, 1984).

Imerso nesse emaranhado de possibilidades de significação da sua sexualidade, o jovem religioso repercute em sua vida vários pontos de confluência de discursos: a sociedade mais permissiva, a mídia focando o sexo precoce, a pressão dos pares já ativos (Doswell, Kouyate & Taylor, 2003 com citado em Cerqueira-Santos, 2008), e um ordenamento religioso indo em direção contrária. As diversas formas de sentir e entender a sexualidade, no entanto, possibilitam aos adeptos da religiosidade um maior aproveitamento desses padrões ao seu bel prazer, na medida em que os indivíduos podem se valer de mais de um discurso para criar o seu próprio modo de agir na sua sexualidade. Esses adeptos não escapam a essa possibilidade de junção e modificação de seu entendimento da sexualidade e o fazem ao buscar em outros discursos a explicação para as suas ações. A forma de pertencimento e de reprodução dos parâmetros religiosos também sofrem variações, cabendo ao indivíduo frequentador uma adequação de tais normas à sua vida cotidiana por meio de comparação com suas experiências e com os demais discursos que se propagam em nossa sociedade. Pode-se inferir, portanto, que o adepto da religiosidade é um “sujeito religioso”, pois ele é protagonista de sua religiosidade, é ator histórico da sua religião de escolha e emprega em seu cotidiano um sistema de crenças que foram propagadas pelas autoridades religiosas, porém não o faz sem modificações, recriando-o para a sua experiência (Watanabe, 2005).

A religião também é uma das alternativas importantes de sociabilidade e lazer para jovens e adolescentes (Santos & Mandarino, 2005), característica essa que pode acarretar para o religioso em uma introyecção de valores e costumes, já que as práticas de lazer podem ser um meio eficaz para o desenvolvimento do senso de identidade do jovem. Essas bases, que podem surgir por meio da sociabilização, podem, segundo Vieira & Gabriel (2001), permear todas as decisões, atitudes e pensamentos, argumentações e relacionamentos. E, nesse período, no qual parece surgir e se formar os modos e moldes da sexualidade, valores compartilhados desse espaço religioso parecem ser bastante importantes para a manutenção dos comportamentos entendidos como saudáveis pela igreja e sua liderança. Não deixa, no entanto, o jovem religioso, de receber a influência e os ditames da moral sexual de outras frentes, tais como a mídia, a internet, os grupos de gays e lésbicas, além de outros. Mais do que escolher um ou outro ponto em que culminem todos os direcionamentos para a sua vida, o jovem interpreta e reorganiza essas informações para formar um modo de agir que seja próprio, age como sujeito religioso. O jovem é também “sujeito sexual”, ator de sua própria sexualidade e

da forma como a concebe, além de ser sujeito de direitos sexuais e do respeito à prevenção. A esfera da sexualidade se organiza socioculturalmente e não existe uma sexualidade essencial ou um sentido natural para o “desenvolvimento adequado” da sexualidade (Silva et al, 2008). O jovem, então, produz, nesse “embate” de discursos, a sua forma de agir e pensar a sua sexualidade.

A importância dada à religião, no entanto, pode variar conforme a idade do jovem. Brian (2004) percebeu que, nos Estados Unidos da América, mesmo na maioria dos jovens (90%), se mostrando crente em algo superior que regula a existência (Deus, Espírito, Energia etc.), a participação religiosa formal diminui com relação à idade. Dessa forma, encontrou que, na adolescência, quanto maior for a idade, menor a probabilidade de participação religiosa. Aponta também, no entanto, que a importância dada ao discurso religioso é mantida praticamente igual durante essa fase. Existe também uma forte diferença em relação ao gênero, percebendo-se maior regularidade na participação dos serviços religiosos pelas mulheres do que pelos homens. Em estudo feito por Vieira e Gabriel (2001), em uma comunidade presbiteriana independente da cidade de Maringá, percebeu-se que os jovens apontaram, em uma escala de classificação dos indicadores dos valores mais representativos na vida dos adolescentes, Deus, em primeiro lugar, seguido pela família, pela igreja e pelos amigos. Essa classificação mostra que, a depender da intensidade com que o jovem está inserido na igreja, esta absolverá mais fortemente os valores e costumes pregados pelos pares (jovens e adultos) e pelos líderes. Resultados que recebem suporte na teoria da “Luta pela Identidade” de Erikson (1971), conforme explicitado por Vieira e Gabriel (2001), que afirmam que, nesta fase do desenvolvimento humano, o adolescente busca um senso de normalidade dentro do grupo em que está inserido com mais intensidade.

Assim, a contradição entre o entendimento de uma sexualidade, que deve ser experimentada apenas no casamento (visão religiosa), e o comportamento sexual ativo, podem causar ao jovem religioso sofrimento psíquico e enfrentamento de possíveis punições por meio da igreja (Hardy & Rafaelli, 2003). Essa situação ambígua pode ser entendida como uma “dissonância cognitiva” (Festinger, 1962), um estado de pesar ocasionado por uma contradição entre crença central e comportamentos na direção oposta. A distinção entre comportamento e crença central em um mesmo aspecto, uma sexualidade ativa e a norma religiosa de abstinência pré-marital, podem trazer ao jovem religioso um sofrimento psíquico, pode ser finalizado com o afastamento do comportamento dissonante ou com relativização da crença em questão (Hardy & Rafaelli, 2003).

O presente estudo pretende entender como ocorre o embate entre os saberes, representações e condutas de cunhos sociais e religiosos e a representação do jovem de sua própria expressão da sexualidade. Ou seja, como age o “sujeito religioso” na busca da composição de sua forma de viver a sexualidade entre os parâmetros do sagrado e do profano, entendidos dessa forma pela práxis social da própria religião. Além de tentar entender como ocorre o acolhimento do jovem desviante para que se volte ao convívio anterior à descoberta do ato proibido: quais as motivações, possibilidades e imposições da religião e os desdobramentos na vida do religioso, já que, de modo geral, as igrejas propõem ao jovem que se abstenham sexualmente até o seu casamento, lugar possível

para tais práticas, como forma de manutenção de uma ética sexual, e, como agente de controle social consegue, de maneira geral, adiar o início da vida sexual entre os adolescentes (Hardy & Rafaelli, 2003); no entanto, um número cada vez maior de jovens consegue manter uma comunhão apresentada como sadia à igreja e, ao mesmo tempo, relações sexuais com o (a) parceiro (a). Como se dá então (caso se dê), essa relação de dissonância cognitiva entre o comportamento sexual e a preservação do status social no grupo religioso, e, nesses casos de desvio da conduta sexual, como a igreja acolhe esses indivíduos? Para isso, procuramos entender, através das falas dos participantes da pesquisa, como funciona a relação entre o pertencimento religioso, baseado na abstinência sexual antes do casamento, e a manutenção de práticas sexuais de jovens religiosos, apesar da repressão e das possíveis punições.

Método

O método utilizado para entender as análises dos participantes em relação ao tema e a exploração de como os fatos são articulados, censurados, confrontados e alterados, por meio da interação grupal, foi o grupo focal que, para Caplan (1990, citado por Dias 2003), é “um pequeno grupo de pessoas reunidas para avaliar conceitos ou identificar problemas”. Constitui-se, então, ainda por Caplan (1990 citado por Dias 2003), em uma ferramenta importante já que o seu objetivo principal é identificar percepções, sentimentos, atitudes, reações e métodos de enfrentamento a um determinado assunto.

Os grupos focais se caracterizam no geral como uma reunião de seis a dez pessoas com base em suas características homogêneas ou heterogêneas, em relação ao assunto a ser discutido. Pela experiência prática, chegou-se a conclusão de que com menos de seis participantes as ideias e interações tendem a ser mais esparsas e que, em grupos muito grandes (mais que doze participantes), há maior probabilidade de intimidação dos mais extrovertidos sobre os mais tímidos (Gomes et al 1999). Essas reuniões duram em média uma hora ou duas horas e as discussões são facilitadas por um moderador que se utiliza de dinâmicas de grupo a fim de fazer fluir os sentimentos dos participantes, acreditando que as respostas produzidas serão maiores que a somatória das respostas individuais. A figura do moderador é de extrema importância, pois é ele que deve se ater ao andamento da discussão, redirecionando, caso haja dispersão, e incentivando a atuação de todos os participantes. Como essa nem sempre é uma tarefa fácil, é importante que, além do moderador, esteja observando um comoderador, também treinado em dinâmica de grupos, que ficará responsável por ajudar a perceber as reações dos integrantes e no bom andamento do grupo.

Foi embasado nessa ferramenta metodológica que ocorreu a reunião com os jovens a fim de descobrir os sentimentos presentes na relação entre sexualidade e religiosidade. Como a intenção principal do estudo foi entender como o jovem religioso consegue manter uma vida sexual ativa e uma vida religiosa concomitantemente e como (e se) ocorria o acolhimento após o flagrante delito, foram utilizados dois grupos focais, com participantes distintos, para colher o maior número possível de informações. O primeiro grupo focal foi formado pelos jovens de uma igreja evangélica que não se

envolveram em nenhuma forma de punição pela igreja com relação à sua sexualidade e o segundo grupo foi formado por casais que foram punidos pela igreja por terem engravidado antes do casamento. Dessa forma, foram convidados, para o primeiro grupo, oito jovens, da faixa etária de 13 a 21 anos, da Igreja Presbiteriana Independente e, para o segundo grupo, três casais, da faixa etária de 20 a 26 anos, também da mesma igreja, que foram flagrados por uma gravidez antes do casamento, punidos com disciplina (impedimento de ser votado em eleições dentro da igreja e de receber a comunhão – Santa Ceia) que depois foram reinseridos na comunidade religiosa pelo acolhimento. Todos os jovens são pertencentes à Igreja Presbiteriana Independente, são residentes no mesmo bairro e têm o mesmo nível de escolaridade (nível médio).

Foi elaborado um roteiro que continha dez pontos a serem levantados, a fim de conseguir entender como funciona a relação de influência e a forma de pertencimento entre a igreja e o religioso, como os jovens mantinham as práticas sexuais apesar da repressão e das possíveis punições e como se dá o funcionamento do acolhimento da igreja nos casos desviantes.

Munido de tal roteiro, as reuniões ocorreram na própria igreja, em momentos nos quais a mesma não estava sendo utilizada para atividades eclesiais, em um clima de silêncio e privacidade necessários ao bom andamento do grupo focal. O coordenador manteve-se atento à participação de todos e a possibilitar o aparecimento de questões conflitantes.

Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo, utilizando categorias a priori, baseadas no roteiro dos grupos focais. O referencial utilizado para a análise das informações coletadas pelos grupos focais foi o de análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (1998); assim, procurou-se analisar as falas através do desmembramento de sua estrutura em termos de significados e conteúdo, sendo realizada uma análise categorial, na qual temas semelhantes foram agrupados em uma mesma categoria. A análise categorial das falas se baseou nos objetos da pesquisa, sendo estruturados a priori em torno de quatro grandes categorias:

1. Influência da religião;
2. Comportamento sexual esperado;
3. Dilema psicológico pela manutenção da prática sexual e o convívio com a igreja;
4. Acolhimento.

Resultados

Para uma melhor visualização, os resultados foram agrupados pelas quatro categorias anteriormente assinaladas e, dentro de cada categoria, separados pelos grupos que compuseram a pesquisa. Dessa forma, vamos analisar a aparição de falas que corroborem com as categorias estabelecidas dentro dos grupos.

- Influência Religiosa

A religião, sendo balizada pelas escrituras sagradas – a Bíblia – e pelas considerações dos líderes, repercute para os seus adeptos uma série de normas de conduta e comportamentos que são considerados saudáveis em detrimento de outros, que são considerados errados, portanto pecaminosos. Cria dessa forma um espectro de influência na vida dos religiosos, tanto pela Bíblia quanto pelos líderes, formando um código que gere não só desdobramentos políticos internos como eleição, por exemplo, mas também discursos éticos e morais da vida de seus adeptos. Quando indagados sobre a influência que a religião tem em suas vidas os jovens participantes de ambos os grupos desta pesquisa foram unânimes em afirmar positivamente a esse respeito, demonstrando que, em certa medida, a religião exerce influência na vida desses jovens.

(...) “Eu acho que influencia porque a religião é a nossa base, diz o que a gente tem que levar para a nossa vida.” (P4 – G1)

(...) “Eu acho que ela ajuda a gente a saber o certo a fazer, não é que você vai fazer totalmente isso ou aquilo, mas ela ajuda sim a determinar o que é o certo ou o que é errado.” (P3 – G1)

(...) “No mundo em que vivemos, onde tudo gira em torno do sexo, onde os jovenzinhos já sabem de tudo e aprende na escola, com os amigos, na tv e na internet, a religião é importante sim, ela nos influencia onde devemos andar ... A igreja só ensina coisas boas.” (P1 – G2)

(...) “A gente que cresceu na igreja escuta desde sempre que isso é errado, que aquilo não está certo, então somos influenciados sim.” (P3 – G2)

Influência que é vista e sentida pelos jovens religiosos, mas que nem sempre é tida como único fator desencadeador de condutas e comportamentos, ou seja, esses jovens agem como sujeitos religiosos que são (Silva et al. 2008), recebendo as maneiras de proceder de várias instâncias e modificando o seu próprio comportamento pela junção dessas influências. Podemos perceber que, como bem frisou Rotoslk (2001), existem outras relações que também podem influenciar o jovem no atraso do início da vida sexual, como o gênero, ou até mesmo na antecipação desse ato, como amigos fora do convívio religioso.

(...) “Acho que ela (igreja) dita, mas cabe a cada um obedecer ou não.” (P3 – G1)

(...) “Eu acho que as mulheres ficam mais ansiosas por conta da sociedade que ainda é muito machista, por isso eu acredito que elas se seguraram mais do que o homem.” (P1 – G2)

(...) “É aquele ditado que diz que prendam as suas cabritas que o meu bode está solto, então homem é o garanhão e a mulher é galinha” (P4 – G2)

Interessante também perceber que, mesmo tendo sido punidos pela igreja e nem sempre concordando tanto com a mesma, os jovens do grupo 2 reconhecem a necessidade de educação sexual para os mais jovens, mesmo nos moldes do discurso oficial da igreja, além de reconhecer que a própria punição serviria de alerta para que os

mais jovens não percorressem o mesmo caminho e que eles próprios poderiam, com o testemunho, influenciar os adolescentes e pré-adolescentes a adiar o momento da sua iniciação sexual. Agindo dessa forma, corroboram com o estudo realizado por Adamczyk e Felson (2010) que demonstrou a grande influência dos pares no convívio religioso com relação à sexualidade, percebendo que essa influência pode ser maior quando a religião contém também o círculo de amizade dos jovens, agindo como um dos fatores de influência.

(...) “É importante conversar com os pré-adolescentes porque o mundo hoje tudo coloca sexo e também não pode ficar com um agora e outro depois. Nós somos cristãos e devemos fazer a diferença” (P2 – G2)

(...) “O pastor disse que estávamos de disciplina porque era praxe da igreja e para que esse comportamento não se repetisse mais na igreja e mesmo sem ter gostado acho que deve acontecer mesmo. Se não vira baderna” (P4 – G2)

- Comportamento sexual esperado

A igreja, como mantenedora de um aparato de normas e condutas éticas e morais, delimita para os seus integrantes uma série de comportamentos entendidos como saudáveis e inerentes à interpretação bíblica feita por cada denominação. Esse “compêndio” de comportamentos possíveis tenta englobar todo o universo de atuação do indivíduo em sociedade, pois entende que a religiosidade é capaz de oferecer os desdobramentos necessários para a resolução de quaisquer problemas, construindo, assim, o discurso oficial da igreja. Dessa maneira, a igreja age como um agente disciplinador repercutindo nos casos de flagrante desvio da conduta dita como correta, punições estabelecidas também pelo discurso oficial da igreja. Perguntados sobre o comportamento pregado pela igreja como correto, referente ao sexo, foi unânime responder que o sexo possível ocorre somente depois do casamento, demais aspectos da sexualidade não apareceram como discurso.

(...) “Sexo só depois do casamento ...” (P1 – G1)

(...) “A questão principal é essa. Toda igreja diz isso, sexo só depois do casamento, mas não te orienta como você deve evitar isso ao máximo.” (P2 – G1)

(...) “... falam que se fizer (sexo antes do casamento) vai tomar disciplina e pronto” (P4 – G2)

“... tudo o que eles nos falam, quando falam, é que não devemos transar antes do casamento, mas não se fala mais nada sobre outros formas de sexo. Depois de casados, por exemplo, o que pode e o que não pode?” (P3 – G2)

A igreja age, nesse sentido, como um agente de controle social (Durkheim 1897/1951), pois se propõe a delimitar e controlar os comportamentos como instância responsável e gabaritada para isso e o faz também por meio de punições. Segundo

consta em sua Confissão maior, a Confissão de Fé de Westminster (1987), a Bíblia é juiz supremo em matéria de fé e de moral, além de ser o único livro de regra e prática que delimita as questões da vida dos adeptos, sendo perpassada pelos líderes.

Discurso repassado prioritariamente pelo discurso oral e ensinamentos dos líderes da igreja, assim assuntos envoltos em tabus como a sexualidade podem ser negligenciados e a devida discussão negada. Dessa maneira, podem existir assuntos em que a discussão se restringe à exposição bíblica sem maiores explanações sobre as possíveis peculiaridades que envolvem a problemática. Por isso, tantas aparições nas falas dos participantes fizeram referência à falta de maiores esclarecimentos sobre a sexualidade. É interessante perceber que o grupo 2 conseguiu perceber a dificuldade dos líderes em estabelecer um diálogo com a igreja sobre esses assuntos.

(...) “Sexo só depois do casamento, mas não te orienta como você deve evitar isso ao máximo” (P1 – G1)

“Eu ia gostar bastante se a igreja conversasse mais sobre isso (sexo), ia ser muito legal se o pastor fizesse um debate sobre isso” (P5 – G1)

“A igreja deveria ter uma questão de orientação” (P2 – G1)

“A igreja não explica por que não pode e nem fala diretamente que não pode.”(P1 – G2)

“Mas a gente precisa se colocar no lugar do pastor e dos presbíteros, pois é muito difícil falar sobre isso na igreja. Os mais jovens podem achar que é baderna e os mais velhos podem se sentir envergonhados e sair da igreja.”(P1 – G2)

Costa (1986) ressalta que a sexualidade dentro da concepção religiosa é carregada de tabus que afetam a maneira de se encarar a sexualidade, e o primeiro deles refere-se ao “pecado” de Adão e Eva, a partir do qual tudo o que diz respeito ao relacionamento sexual está ligado a um sentimento de “vergonha”. Daí, o relato dos participantes sobre a falta de um posicionamento da igreja com relação à sexualidade.

- Dilema Psicológico

Agir em dissonância com a crença central da religião em que congrega, principalmente quando existe uma relação de pertencimento grande a esse grupo, pode gerar um sofrimento psíquico. Tal sofrimento pode ser superado pela extinção do comportamento dissonante ou pela diminuição de importância da crença central que envolve tal comportamento; existe também a possibilidade de manter o comportamento e a crença por meio de outros mecanismos. Os relatos dos participantes reforçaram a existência de dilemas psicológicos somente para as mulheres; os homens se mostraram mais resilientes e pouco afetados pela manutenção de uma relação sexual ativa e um convívio religioso.

“Acho que para as mulheres é mais complicado porque a sociedade ainda é muito machista e tem muito homem que ainda pensa que se a mulher não for virgem eu não caso igreja não explica porque não pode e nem fala diretamente que não pode.”(P1 – G2)

“Pra mim foi tranquilo, não tive maiores problemas não, mas para ela foi mais complicado. Ela chorava, ficava desesperada, dizendo que deveríamos casar por que fizemos uma coisa errada.” (P3 – G3)

“Para mim foi muito difícil, pois depois de um tempo eu comecei a ter depressão, ficava muito triste achando que tudo o que se falava na igreja era sobre o meu erro e passei a não querer mais fazer sexo. Tive três crises depressivas e só melhorei depois de bastante conversa.” (P2 – G3)

As mulheres demonstraram que a superação desses dilemas se deu mais facilmente após o casamento ou a demonstração mais firme da intenção de firmarem o casamento. Outro posicionamento que os jovens encontraram para manter a vida sexual ativa e o convívio religioso foi simplesmente manter a sua vida sexual escondida dos demais membros da igreja, atitude reforçada, segundo eles, pela falta de orientação sexual pela igreja. Relataram, então que, enquanto permaneciam em segredo nada de mais os acontecia, criando, assim, um acobertamento pelo silêncio com relação a esse assunto. Mesmo tendo passado por essa situação, os jovens do grupo 2 continuaram a reportar a importância dos ditames religiosos entendendo que a explicação da conduta de aguardar o casamento como lugar possível para o sexo deve ser feita para os mais jovens para que o erro que cometeram não seja cometido pelos outros.

“Eu ainda acho que seja errado e que a igreja deve explicar bem para os jovens para que eles não cometam o mesmo erro que nós.” (P4 – G2).

“É porque se não fica tudo igual. Qual é a diferença entre a igreja e o mundo se a gente viver da mesma forma que eles? Transando com um agora e com outro depois.” (P3 – G2)

“Se ninguém descobrir fica tudo certo. Se a menina não engravidar antes do casamento então todo mundo acredita que ela casou grávida” (P4 – G1)

- Acolhimento

Mesmo punindo nos casos de desvio de conduta, a religião concede também uma volta ao convívio dessas pessoas ao meio religioso, acontecimento que chamaremos de acolhimento. Esse retorno ao convívio, no entanto, não acontece sem que antes o jovem receba a punição em um ritual de redenção pelo pecado cometido, além de possibilitar com isso que o jovem punido sirva como exemplo para que os outros mais jovens não cometam o mesmo erro. Esse posicionamento, no entanto, não é igual em todas as religiões, pois existem aquelas em que os erros, não somente com relação à sexualidade, são punidos com a morte ou com a expulsão do convívio ou por comportamentos esperados em outras vidas. Mesmo o primeiro grupo, que não teve contato direto com o acolhimento, já que não cometeram o “pecado”, relatou a existência desse comportamento na Igreja Presbiteriana Independente do Brasil percebendo nos casos acontecidos. Da mesma forma o grupo 2 relatou que se sentiu acolhido em sua totalidade, tanto pelos membros da igreja quanto pela liderança da mesma.

“Dos casos que eu pude acompanhar na igreja eu sempre percebi que eles voltavam a congregar depois que acontecia normalmente, não conheço nenhuma caso que o casal precisou deixar a igreja não.” (P1 – G1).

“Eu tenho o que reclamar nem da igreja e nem da liderança, pois todos me trataram muito bem e ninguém me tratou diferente.” (P3 – G2).

“Foi o próprio pastor que me disse que eu deveria continuar frequentando a igreja e que ficaria da mesma forma depois que terminasse a disciplina e sempre foi muito tranquilo.” (P1 – G2).

“Mesmo depois do acontecido eu não percebi ninguém olhando de outro jeito para nós ou nos retirando dos trabalhos da igreja ou nos afastando. Depois do casamento tudo voltou ao normal.” (P3 – G2).

Mesmo tendo casos em que o acolhimento aconteceu esse não é um posicionamento que sempre acontece, pois existem vários casos, segundo os participantes, em que o casal preferiu deixar o convívio com a religião para poder manter a vida sexual ativa sem maiores impedimentos. Ou seja, uma possibilidade de enfrentamento de um possível sofrimento psíquico é o afastamento da crença central ou a escolha de uma religião em que esse impedimento não exista ou seja mais flexível.

Considerações Finais

A religião no Brasil parece não mais ocupar o lugar que outrora detinha como delimitadora maior dos comportamentos dos seus fiéis, fato explicado pela maior flexibilidade que os adeptos têm de escolha da religião, sendo a mais promissora aquela que mais se adapta ao seu estilo de vida, ou seja, uma privatização da fé (Cerqueira-Santos, 2008), em que a escolha do pertencimento ou da frequência religiosa se dá pela utilização dos recursos que possibilitam ao fiel a resolução de seus problemas. Essa maior possibilidade de escolha se deu principalmente depois da secularização da sociedade brasileira e da diminuição da hegemonia da igreja católica no cenário religioso brasileiro que possibilitou o surgimento de diversas práticas religiosas como um amplo mercado da fé. Podemos perceber mais notadamente um avanço das religiões evangélicas, principalmente as pentecostais e as neopentecostais, muito populares nas classes econômicas mais baixas, pois oferecem respostas aos problemas cotidianos da vida. Além das diversas possibilidades e influências representadas pelas religiões outros discursos também servem de parâmetro para o comportamento dos indivíduos, inclusive dos religiosos. A juventude, momento da vida em que a religião parece perder ainda mais o seu poder de influência, se percebe nesse emaranhado de ditames e se utiliza deles para moldar, pelas suas experiências e desejos, o aparato que comportamental que julga ser o mais interessante; nesse sentido, age como o sujeito religioso que é (Watanabe, 2005). Uma das possibilidades de reestruturação de conduta dos jovens pelas várias vertentes da nossa sociedade é a sexualidade.

Além disso, vale lembrar outro fator, o que chamamos de dupla moral sexual brasileira, em que o discurso do que é ou não permitido não parece ser concernente com as práticas vigentes (Cerqueira-Santos, 2008). Como se dá então a influência religiosa na vida dos jovens em uma sociedade marcada por tantas possibilidades de influência?

Como se dá a manutenção de uma vida sexual ativa pelos jovens religiosos e a continuidade do convívio religioso sem maiores prejuízos de um ou de outro? A literatura nacional e internacional mostra que a relação entre a religiosidade e a sexualidade tem mostrado dados inconsistentes a esse respeito e problemas metodológicos. De qualquer maneira, tem mostrado que a religião influencia de alguma maneira a sexualidade do jovem religioso. De forma geral, os dados desta pesquisa mostram que a religião é um dos tantos parâmetros de uma postura frente à sexualidade dos jovens religiosos, mesmo que estes não o façam sem modificar, de alguma forma, as possibilidades de atuação pelos outros tantos modos a que são expostos.

Recebido em: junho de 2013

Aprovado em: junho de 2013

Referências

Abreu, N. & Neto, S. (2003). Psicoterapia e Religião. *Boletim Academia Paulista de Psicologia, ano/vol. XXIII, número 003*, pp. 4-7

Adamczyk, A & Felson, J. (2006). Friends religiosity and first sex. *Social Science Research, v.3(4)* December

Almeida, R. & Monteiro, P. (2001) Trânsito religioso no Brasil. *São Paulo em perspectiva, 15 (3)*, 92-101.

Alves, J.E.D *et. al.* (2012) A dinâmica das filiações religiosas no Brasil entre 2000 e 2010: diversificação e processo de mudança de hegemonia. Scribd.

Barkan, S.E. (2006). Religiosity and Premarital Sex in Adulthood. *Journal for the Scientific Study of Religion 45(3):407 - 417*

Cano, M.A.T. & Ferriani, M. Das G.C. (2000). Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. *Rev. Latino-am. enfermagem, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2*, p. 18 – 24, abril

Castro, M.G., Abramovay, M. & Silva, L.B. (2004). “Juventudes e sexualidade”. *Brasília: UNESCO*. 426p

Cerqueira-Santos. (2008) Comportamento Sexual e Religiosidade: Um Estudo Comparativo com Jovens Brasileiros. Tese de Doutorado. Edição eletrônica, retirado em 10 de Junho de 2011 de www.scielo.com.br

Dias, C. A. (2003) Grupo Focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. Edição eletrônica, retirado em 25 de Outubro em <http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/DIAS%20Grupo%20Focal.pdf>

Edger, K. (2012). Evangelism, Sexual Morality, and Sexual Addiction: Opposing views and continued conflicts. *J Relig Health 51:162 – 178*

Gold *et al.* (2010). Religiosity an Sexual and Contraceptive Behaviors. *Journal Pediatr Adolesc Gynecol 23: 290 - 297*

Gomes, M. E. S. & Barbosa, E. F. (1999) A técnica de grupos focais para obtenção de dados qualitativos, Instituto de Pesquisas e Inovações Tecnológicas www.educativa.com.br

IBGE (2010). CENSO 2010. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Acessado em 10.12.2012 no <http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados>

Leite, I.C. *et. al.* (2004). Comportamento sexual e reprodutivo de adolescentes. *Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 20(2):474-481, mar-abr.*

Hardy, Sam A. & Raffaelli, M. (2003). “Adolescent religiosity and sexuality: an investigation of reciprocal influences”. *Faculty Publications, Department of Psychology*. Paper 97

Henning, M.C. e Moré, C.L.O.O. (2009). Religião e Psicologia: análise das interfaces temáticas. *Revista de Estudos da Religião, São Paulo, dezembro/pp.84-114*

Hull, J.S. *et. al.* (2011). Identifying Casual Pathways from religiosity to delayed adolescent sexual behavior. *Journal of sex research, 48(6), 543 – 553.*

Paiva, V. *et. al.* (2008). Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros. *Revista Saúde Pública 2008, 42(supl 1) 45 – 53*

Ressel, L.B. *et. al.* (2008). O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. *Texto Contexto Enferm, Florianópolis, Out-Dez; 1(4):779-786.*

Ribeiro, L.M.P. (2012). Análise antropológica dos símbolos da Igreja Presbiteriana do Brasil. *Ciências da Religião – História e Sociedade v.10 n.2: 41-72*

Rostosky, S.S. *et. al.* (2004). The impact of religiosity on adolescent sexual behavior: a review of the evidence. *Journal of Adolescent Research, vol. 19 No. 6, November: 677-697*

Silva, C.G. *et al.* (2008). Religiosidade, juventude e sexualidade: entre a autonomia e a rigidez. *Psicologia em Estudo, Maringá, v.13,n.4,p.683-692.*

Verona, A.P.A. & Dias Júnior, C.S. (2012). Religião e fecundidade entre adolescentes no Brasil. *Rev Panam Salud Publica. 2012;31(1): 25 – 31.*

Watanabe, T.H.B. (2005). Caminhos e histórias: a historiografia do protestantismo na Igreja Presbiteriana do Brasil. *Revista de Estudos da Religião, 1, 15-30.*